TL 3902

GATIMOR — GABINETE DOS ASSUNTOS DE TIMOR

C O M U N I C A D O

Uma fonte do Ministério dos Negócios Estrangeiros referiu que, face à presente situação política, a FRETILIN deverá ser excluída de qualquer tipo de solução que venha a ser delineada para Timor.

Qualquer pessoa menos avisada pensaria que se trata de uma viragem inesperada, dado que até agora foram produzidas montanhas de propaganda precisamente para que a opinião pública acreditasse no contrário. Por isso, o GATIMOR, muito ao contrário de se deixar impressionar por esta novíssima posição, analisou-a do ponto de vista das suas várias implicações e das consequências a que poderá conduzir, julgando oportuno e necessário comunicar o seguinte, sem prejuízo de outras intervenções:

1.- O afastamento da FRETILIN de qualquer solução para Timor deve fundamentar-se em factos concretos e históricos e não apenas em circunstâncias de oportunidade política. Com efeito, a FRETILIN foi fundada a partir de um grupo de antigos informadores da ex-PIDE/DGS e de alguns estudantes bolseiros que foram arrancados das Faculdades onde prosseguiam os seus estudos, em Lisboa, e enviados açodadamente para Timor, após conveniente politização.

2.- O exército timorense como um corpo nunca aderiu à FRETILIN, mas foi-lhe entregue, presumivelmente em obediência à mesma estratégia que levou à criação de um partido radical e chauvinista com antigos informadores da ex-PIDE/DGS e alguns estudantes obnubilados pela promessa de um poder garantido, capazes, por isso, de todos os excessos e posições radicais que conduziriam ao caos social propício ao desenvolvimento de outras estratégias.

3.- A Resistência Nacional Timorense foi conduzida unicamente pelo exército timorense que se viu atirado para os braços da FRETILIN, depois de ter recebido ordens para sair para a rua, na sequência do chamado "golpe" da UDT, em nome do Movimento das Forças Armadas, para — como foi garantido — restabelecer a ordem e a segurança, em Dili. Na sua actual composição, a Resistência Nacional Timorense é constituída por combatentes treinados por esses mesmos militares, após uma fase de "purificação" das suas fileiras, em que foi ditada a eliminação de todos os antigos informadores da ex-PIDE/DGS e dos estudantes idos de Lisboa, acusados de traição à causa de um Timor livre e em paz com os países da sua zona.

4.- A arregimentação de antigos informadores da ex-PIDE/DGS e de alguns estudantes para as cúpulas da FRETILIN teve sucesso, porque os senhores Majores Mota e Jónatas e o próprio Governador Lemos Pires lhes deram a necessária "cobertura". Na verdade, quando em Portugal foram cerceados direitos políticos elementares a todos os elementos daquela polícia política, os favores concedidos aos seus congéneres, em Timor, só podiam constituir um presente envenenado. Por que não admitir, por exemplo, que foi exercida chantagem e pressão psicológica sobre esses indivíduos no sentido de prosseguirem uma política contrária aos sentimentos e interesses do povo timorense? Este convencimento resulta ainda do facto de o último Governador de Timor não ter fornecido até agora qualquer explicação aceitável destes factos, limitando-se a invocar razões sem qualquer tessitura lógica.

Por tudo o que atrás ficou expresso, o eventual afastamento da FRETILIN nunca poderá ser aceite como mais um passo para o reconhecimento da anexação de Timor pela República da Indonésia, mas apenas e tão-só como uma decorrência necessária e lógica dos factos referidos. Por outro lado, existem testemunhos que referem o envolvimento directo das Forças Armadas indonésias no processo de descolonização de Timor, desde finais de 1974, altura em que foram referenciados dois batalhões das suas tropas especiais sob o comando directo do General DADIN, actual Chefe do Estado Maior das Forças Armadas da Indonésia. Não seria muito para estranhar que estes dois batalhões tivessem a missão de apoiar a FRETILIN, para que a Indonésia pudesse cumprir o seu instante aviso: "Se a FRETILIN assumir o poder, a Indonésia invadirá Timor". É que em política nada acontece por acaso.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1984.

Pel' O GATIMOR,

Moisés da Cruz Amaral